ABRE ASPAS: URBANO RIBEIRAL

O presidente da Agroceres, Urbano Campos Ribeiral, tem mais de 30 anos de vivência nas cadeias produtivas que têm o milho como elemento fundamental. Engenheiro agrônomo formado pela Universidade Federal de Viçosa e com doutorado em Genética e Melhoramento de Plantas, pela Purdue University, ele fala com a sabedoria conquistada em todos esses anos de convívio com a ciência. Observa, por exemplo, que toda vez que os países subdesenvolvidos chegam perto de atingir um mesmo grau de tecnologia dos mais adiantados surge um nova tecnologia de ponta que os distancia de novo. "Assim permanecemos um degrau atrás", conclui. Caso recente foi o do surgimento da biotecnologia, que deixou a pesquisa brasileira em situação de desvantagem. Mas não atribui a isso um problema de competência, e sim de falta de recursos. Tanto assim é que na sua avaliação a suinocultura aqui está crescendo muito, com expressivos ganhos na conversão alimentar. Hoje se consegue produzir um suíno terminado em tempo muito mais curto que no passado, festeja.
Urbano assumiu a direção da Agroceres num momento muito delicado. E soube preservar uma das principais características da empresa: a de formar conceito e massa crítica na agricultura brasileira. Deve-se a ela a difusão do conceito de agribusiness no Brasil, só para citar um exemplo.

Degrau acima

Foi-se o tempo em que qualquer coisa servia de ração para os porcos

POR NIVALDO T. MANZANO

❖ **Como o porco se converteu em suíno no Brasil?**

— Até o final da Segunda Guerra Mundial, o porco que se consumia era o tipo banha. O hábito mudou por injunções da guerra. Como a banha era muito usada para fins militares, a população norte-americana viu-se obrigada a buscar novas fontes de gordura para cozinhar. Surgiram os óleos vegetais, lançados com apoio do *marketing*, que foram bem-aceitos. Ao fim da guerra, o consumo de banha na cozinha havia caído dramaticamente; e com a queda no consumo da banha caiu também o consumo do porco tipo banha. Então, os geneticistas se viram estimulados a mudar a direção da seleção. Felizmente, havia uma grande variabilidade genética nas raças mais populares que permitiu criar o suíno tipo carne. O novo produto teve grande aceitação. No Brasil, o suíno tipo carne foi introduzido pela Agroceres. Paralelamente a essa mudança ocorreu uma grande transformação na estrutura da produção. Até a guerra, a produção de suínos era conduzida em pequenas propriedades. Surgiram depois grandes empresas na criação de suínos, muitas delas totalmente integradas, desde a área de pesquisa ou seleção da raça até a colocação do produto no supermercado.



❖ **Como se situa o Brasil na suinocultura?**

— O Brasil tem o terceiro maior rebanho de suínos do mundo. Primeiro vem a China, com 395 milhões de cabeças; em seguida, os Estados Unidos, com 62 milhões; e depois o Brasil, com cerca de 36 milhões. A suinocultura brasileira tem-se desenvolvido rapidamente. Ou, dito de outra maneira, há poucos países com potencial para o desenvolvimento da suinocultura. O Brasil apresenta maior potencial. Clima adequado e grande extensão territorial são fatores que têm contribuído para a expansão. O abate atinge atualmente 23 milhões de cabeças e cresceu 22% de 1994 a 1999.

❖ Restrições ambientais em outros países vão favorecer a suinocultura brasileira?

— Certamente, embora enfrentemos alguns problemas. Alguns países, como Alemanha e Holanda, enfrentam problemas ambientais para a expansão da criação. Em países pequenos e de clima frio existem dificuldades para a deposição dos dejetos resultantes da criação. É nesse contexto que países como o Brasil, Canadá e EUA, de grande extensão, são vistos como de grande potencial suinícola. Há um extenso projeto de 50 mil matrizes no Mato Grosso que, em tese, não deverá provocar problemas ambientais. Considerando-se o clima tropical e as condições de solo do cerrado, que demandam muita matéria orgânica, os dejetos são de utilidade na produção de grãos.

❖ Como o sr. avalia o desempenho da suinocultura brasileira?

— A produtividade está crescendo muito e os ganhos na conversão alimentar também são expressivos. Hoje, com as novas tecnologias de produção, consegue-se produzir um suíno terminado em tempo muito mais curto que no passado.

❖ A instalação de megaunidades de produção é uma tendência no Brasil?

— A tendência à concentração na suinocultura acompanha a tendência geral de concentração nos negócios. Observa-se na Inglaterra e nos EUA, por exemplo, o desaparecimento de pequenas granjas e a concentração da produção em grandes unidades integradas, que vão da seleção até o frigorífico e o supermercado. Esse é o caminho da competição, que se observa também na avicultura, na pecuária e também na produção de grãos. Feliz ou infelizmente, é o que ocorre. As pequenas e médias empresas vêm sendo compradas por grandes empresas, nas quais se verificam vantagens resultantes da redução dos custos de administração, de ganho de escala na compra da matéria-prima e na colocação do produto.

As granjas da Agroceres e outras são semelhantes em termos tecnológicos. O que ocorre aqui é uma preocupação crescente com o manejo dos dejetos, um problema já contemplado no planejamento das grandes unidades. Nelas prevêem-se a construção de lagoas para os dejetos. Os efluentes das últimas lagoas, depois de decantados, podem ser lançados nos cursos d'água sem provocar problema ambiental. Em nosso caso, os dejetos podem ser utilizados na reposição da matéria orgânica e adubação do solo agrícola. Fala-se também em utilizar a parte sólida dos dejetos na alimentação do gado bovino, mas predomina a sua utilização na adubação de culturas, como a do café.

❖ Como a Agroceres se situa no mercado brasileiro de suínos?

— A Agroceres detém 36% do mercado de matrizes de suínos no país. A pesquisa está se tornando cada vez mais cara, e as empresas buscam alianças estratégicas para trabalhar numa escala cada vez maior, para fazer frente a esses custos. Hoje, em todos os setores, como na área genética de milho, as pequenas empresas foram absorvidas pelas grandes. A pesquisa pública recua, abrindo espaço para a pesquisa privada, invertendo uma tendência prevalecente até recentemente.

Num ano falta milho e o governo reage com a oferta de incentivos; no ano seguinte, o excesso de oferta e a falta de garantia de preço desestimulam o produtor, que deixa de plantar, levando à escassez no ano seguinte. O país não dispõe de uma estrutura organizada de comercialização de milho.

❖ Isso significa dizer que há espaço a conquistar?

— A cadeia de produção de suínos enfrenta vários problemas. No mercado interno, temos o baixo poder aquisitivo. Além disso, tradicionalmente, o consumo de carne suína é menor em países de clima quente do que em países de clima frio. Temos ainda entre nós o preconceito, resquício de uma mentalidade associada à maneira antiga de se criar porco, em instalações pouco higiênicas, à base de restos de comida. Observa-se, no entanto, que isso vem sendo superado, de maneira lenta porém estável, graças ao suíno tipo carne. O consumo, que em 1988 era de 7,8 kg *per capita*/ano elevou-se em 1999 a 10,7 kg *per capita*/ano, um consumo considerado baixo em comparação com países como Dinamarca ou Alemanha, onde chega a 40/60 kg. Em termos mundiais, a carne de suíno é a mais consumida no mundo. Em 1999, o consumo mundial teria sido de 86 milhões de toneladas, contra 63 milhões de carne de frango e 58 milhões de carne bovina. A carne de aves vem crescendo a um ritmo mais acelerado, seguida pela carne suína, em contraste com a bovina, que tem mantido estabilidade no consumo, ou mesmo diminuído relativamente. Em 1997, o consumo de carne bovina foi de 57,5 milhões de toneladas e em 1999 foi de apenas 58 milhões, enquanto nesse período o consumo de carne suína saltou de 81 milhões para 87 milhões de toneladas, e a de frango subiu de 59 para 63 milhões de toneladas. O grande consumidor de carne suína no mundo é a China, seguida dos países europeus de clima mais frio.

❖ O senhor acredita que a China poderá vir a abastecer-se no mercado externo algum dia?

— Acredito que sim. Com a sua entrada na Organização Mundial do Comércio, a China poderá vir a importar carne suína. Mas não se exclui a hipótese de passar a exportar. Veja-se o que ocorreu nos EUA. Até 1994, os EUA importavam carne suína; hoje são um dos principais países exportadores. Quanto a nós, precisamos superar muitos problemas. A começar pelo das doenças. Com o controle da febre aftosa no Rio Grande do Sul e Santa Catarina,

nossa situação ficou um pouco melhor. A dificuldade em erradicá-las está na convivência, lado a lado, de granjas tecnificadas com granjas não tecnificadas e mesmo com animais soltos, que têm acesso a lixo urbano disposto a céu aberto.

❖ O que é razoável esperar das exportações?

— Alguns países estão restringindo a construção de grandes granjas por razões ambientais. Mas, considerando-se a importância que neles tem a suinocultura, acredito que as restrições não serão tão fortes como faz supor o noticiário veiculado pela imprensa. Mas é inegável nosso potencial exportador. Em 1998/99 foram exportados cerca de US$ 80 milhões, basicamente para dois países: Argentina e Hong Kong. Neste ano, devemos exportar para a Rússia. Com controle da febre aftosa, poderemos entrar em outros mercados. O aumento da exportação de carne suína insere-se no quadro geral de crescimento da demanda de proteína animal. Segundo a FAO, nos próximos vinte anos, enquanto o consumo mundial de grãos deve crescer 10% *per capita*, o de proteína animal deve crescer cerca de 40%.

❖ De onde virá o milho para sustentar o aumento da produção de carne suína?

— A oferta nacional não tem sido suficiente para atender à demanda. Falta uma política agrícola de médio e longo prazos no Brasil, algo que nunca ocorreu, uma vez que essa política é de curto prazo, determinada safra a safra. Num ano falta produto e o governo reage com a oferta de incentivos; no ano seguinte, o excesso de oferta e a falta de garantia de preço desestimulam o produtor, que deixa de plantar, levando à escassez no ano seguinte. O país não dispõe de uma estrutura organizada de comercialização de milho, ao contrário do que ocorre com a soja, por exemplo. Como resultado da falta de visão de longo prazo, o Brasil não produz sequer meia tonelada de grãos por habitante, enquanto a Argentina, por exemplo, produz quase duas toneladas. Esse problema está associado à falta de uma estrutura de exportação. A produção nacional está concentrada no interior, longe da costa, o que onera o custo do transporte, feito por caminhão, encarecendo ainda mais o produto, retirando-lhe a competitividade, ao contrário do que ocorre nos Estados Unidos e na Argentina, por exemplo, países que se utilizam de vias de transporte mais adequadas.

❖ O que levou à escassez atual de milho?

— O preço é o mais baixo dos últimos tempos. Tradicionalmente, o preço nacional sempre se manteve acima do preço internacional. Nos últimos dois anos, esteve nivelado. Se tivesse havido incentivo no ano passado, poderíamos ter produzido uma boa safra. Nós confiamos muito na safrinha, mas a verdade é que a safrinha é quase uma loteria. A do Paraná está sempre sujeita a geadas e as de São Paulo, Goiás e Triângulo Mineiro estão sujeitas à estiagem.

❖ O que se espera da suinocultura brasileira?

Em primeiro lugar, controlar as doenças. Devemos estar atentos também para a exigência de rastreabilidade do produto. A tendência na estrutura da produção é de granjas maiores. Quanto ao mais, estamos preparados para enfrentar o mercado. Somos competitivos. Três granjas brasileiras que se utilizam do produto Agroceres-PIC acabam de ser premiadas como as melhores do mundo no concurso Pig Champ da Universidade de Minnesota.

❖ A sua carreira profissional e empresarial confunde-se, em certa medida, com a própria história da evolução da genética vegetal e animal brasileira. Que luz essa experiência lhe traz?

Teme-se que as plantas transgênicas provoquem impacto negativo no meio ambiente e que os produtores se tornem dependentes de um pequeno grupo de grandes empresas, detentoras da tecnologia. Mas não se pode negar que elas podem trazer algum benefício para o agricultor.

— É verdade que, depois de ter lecionado por dois anos na Universidade Federal de Viçosa, comecei a trabalhar com um dos principais geneticistas de milho do mundo, o professor Gladstone Drummond, que era diretor de pesquisa da Agroceres. Depois fiz curso de doutorado nos EUA. Tenho 30 anos de vivência no setor. O que pude observar é que nos países menos desenvolvidos, quando estão perto de atingir os mesmos degraus dos países desenvolvidos, aparece uma nova tecnologia que nos distancia de novo do seu domínio. Assim, permanecemos um degrau atrás. Na tecnologia de milho, por exemplo, o conhecimento dos pesquisadores nacionais, de instituições públicas e privadas, está nivelado com o que há de melhor no mundo. Mas, com o novo degrau da biotecnologia, recuamos outra vez para uma situação de desvantagem.

❖ O problema, então, não é de competência?

— Nosso problema é de recursos. A biotecnologia requer equipes integradas, que demandam muitos recursos.

❖ A Agroceres foi a primeira empresa a lançar híbridos de milho no Brasil. Em que essa experiência pode ser comparada com a dos transgênicos na atualidade?

— O lançamento do milho híbrido provocou um grande impacto no mercado. Trazia a possibilidade de maior produtividade, mas em contrapartida teve de enfrentar muitas críticas, por tornar o produtor dependente do mercado para a aquisição de sementes. O mesmo ocorreu na década de 70, quando a Agroceres introduziu suínos híbridos. Produtores de raças puras opuseram-se à iniciativa. Não é diferente hoje, com a engenharia genética. Teme-se que as plantas transgênicas provoquem impacto negativo no meio ambiente e que os produtores se tornem dependentes de um pequeno grupo de grandes empresas, detentoras da tecnologia. Mas não se pode negar que elas podem trazer algum benefício para o agricultor e conferir maior competitividade ao produto brasileiro nos mercados internacionais.

❖ Qual a sua expectativa em relação à biotecnologia?

— Ela é fundamental não apenas para a agricultura, mas também para outros setores, como o de fármacos. A construção de

plantas transgênicas atende a três objetivos. O primeiro, que já ocorre, consiste em introduzir genes que conferem resistência a herbicidas. O segundo consiste em introduzir genes em plantas para a fabricação de fármacos, por exemplo. Plantas que contenham algum princípio ativo de interesse, cuja produtividade seja muito baixa, poderiam ser substituídas por outras, na fabricação desse princípio, como o milho, por exemplo, que apresentam elevada produtividade. O terceiro objetivo consiste em introduzir genes que confiram resistência à seca, que apresentem tolerância ao alumínio ou que tornem possível produzir-se proteína de melhor qualidade. No caso do milho, produto energético, pode-se pensar na sua transformação em produto capaz de oferecer um maior teor de proteína ou de óleo. Por via convencional, chegou-se a um milho mais rico em óleo que está sendo testado em ração animal. Há também um milho farinhoso, que pode ser utilizado para fins específicos. No passado, por via genética convencional, a obtenção de uma melhor qualidade, como o milho Opaco 2, vinha acompanhada de muitas dificuldades e demandava muito tempo. Era muito difícil pinçar determinado gene, de interesse na seleção. Uma vez pinçado, ele vinha acompanhado de outros genes indesejados, que demandavam um processo longo para serem deixados de lado, uma vez que se localizavam numa área próxima no cromossomo. Esse problema é mais fácil de resolver com a biotecnologia.

❖ Por que o debate sobre transgênicos é inconclusivo?

— Uma dificuldade é administrar o seu consumo. Países como a Inglaterra e a França, embora proíbam o consumo ou exijam a rotulação, continuam trabalhando ferozmente para a obtenção e domínio da tecnologia. Nós, no Brasil, não podemos permanecer atrás. Não há fatos concretos que aconselhem a suspensão da pesquisa. Nos EUA, os alimentos transgênicos vêm sendo consumidos há quatro anos e até agora não se registrou nenhum problema. Acredito que a tendência é irreversível. Ocorreu que as empresas que lideraram o processo não se detiveram no esclarecimento necessário ao consumidor quanto às vantagens e riscos dos transgênicos. Na realidade, o consumidor não tem percebido a sua vantagem, em termos de custo ou de qualidade. É compreensível, pois as vantagens ora oferecidas dirigem-se ao produtor apenas. Esse foi um grande erro no lançamento dos transgênicos. Já na área farmacêutica, a vantagem do transgênico é mais facilmente percebida pelo usuário de novos fármacos.

❖ *É razoável pensar-se num futuro* boimate?

— Acredito que um produto altamente diferente dos atuais, como o resultante do cruzamento entre o boi e o tomate, não é coisa que esteja à vista no horizonte. Realizam-se, isso sim, muitos estudos orientados para o transplante de órgãos de suínos, por exemplo, para o organismo humano. Pode-se pensar na introdução de gene humano em algum animal, para que este possa produzir alguma substância que seja benéfica ao homem. O espectro de possibilidades é tão grande que não se conseguiu ainda visualizá-lo. Até recentemente, era impossível imaginar a introdução de um gene de bactéria em milho, como ocorre hoje.

❖ A Agroceres é a maior empresa brasileira de genética animal. Como ela se enxerga nesse quadro?

— Hoje, a pesquisa da Agroceres está concentrada na genética de suínos, em *joint-venture* com a Pig Improvement Company, a maior empresa de genética de suínos do mundo. Nessa direção, estamos investindo na construção de novas granjas, para manter a nossa participação (ou crescer) no mercado. Na genética de frango de corte, fazemos parceria com a Ross Breaders, da Escócia, que é uma das maiores do mundo. Nesse segmento, crescemos muito nos últimos anos. Temos 40-42% do mercado de frango de corte, no Brasil, o que não quer dizer muita coisa, pois estamos localizados no início da cadeia do frango, que é um negócio pequeno. Outro setor no qual atuamos, com disposição crescente, é o de ração animal, com suplementos para suínos, bovinos e aves e, agora, com ração para cães, com dois novos produtos a serem lançados no segundo semestre. Um outro negócio da Agroceres é o de iscas para formiga, em *joint-venture* com a Fertibrás. O negócio no qual temos investido mais é o da nutrição animal. Acabamos de adquirir uma fábrica de ração em Aparecida de Goiânia; estamos investindo fortemente na fábrica em Rio Claro e também na de Patos de Minas. Na suinocultura, estamos construindo uma nova granja de pesquisa em Patos de Minas e investindo numa unidade de produção de suínos para a produção de avós, que servirá também para a realização de pesquisa na área de nutrição.

Nos países menos desenvolvidos, quando estão perto de atingir os mesmos degraus dos países desenvolvidos, aparece uma nova tecnologia o que nos distancia de novo de seu domínio. Assim, permanecemos um degrau atrás.

❖ A Agroceres pensa em entrar na produção de animais terminados?

— Existe uma tendência de verticalização da produção, da pesquisa ao supermercado. Pode ocorrer de a Agroceres vir a fazer investimentos na área de produção e de abate. Mas, por enquanto, isso não está sendo estudado.

❖ A Agroceres deixou definitivamente a produção de sementes de milho?

— Verificamos que, para manter a competitividade nesse segmento, seriam necessários recursos de que não dispomos. O mesmo ocorreu com companhias muito mais fortes, como a Cargill, que decidiram sair do setor. A Pioneer, maior produtora de sementes de milho do mundo, vendeu o seu negócio para a Dupont. As multinacionais detêm hoje cerca de 90% do mercado nacional. Voltar a esse mercado é coisa para o futuro. Quem sabe, para meus sucessores.